Manaus: A Casa da Cobra Nossa casa é 13, seu símbolo a cobra, nossa casa é Manaus (Bernadete Andrade)

Inspirado pelo mito narrado por um dos grupos de descendência, os Kenhíriporã, ou "filhos dos desenhos do sonho", canta o poeta:

Eu vim com os pássaros
Voando na barriga da cobra
Minha pele é vermelha
E tenho coragem de sobra,
Dessana, Dessana...
Lança teu espírito livre. (1)

Pelo encanto do canto e por entre enfeites multicoloridos, chegamos a 13ª casa transformadora, onde tudo principia. Lá, na profundeza das águas escuras do rio, erguemos a nossa maloca. Mas, atenção! Esta é uma outra história bem diferente daquela contada pelos lusitanos, pois dizem os antigos, nossos heróis ancestrais, que a décima terceira casa foi colocada onde hoje se encontra a cidade de Manaus. Seu poderoso símbolo ‼ uma cobra que languidamente caminha e vai alojar-se no imaginário do homem amazônida, povoando seus mitos e lendas. Senhora das águas, conhecedora dos mistérios do rio e da mata, é o ancestral que dá origem às primeiras malocas ou casas transformadoras. Por ela tudo principia, seu ventre é o lugar primevo porque fecundador do ser e do mundo que o circunda. Parta para uma longa viagem subfluvial no mítico "rio do leite" e na sua barriga à semelhança do ventre materno os pares de enfeites masculinos e femininos geravam gente. Assim, a humanidade vai sendo formada. A Manaus mítica é, portanto, uma das sessenta e poucas casas transformadoras que foi gestada no bojo de uma cobra-gigante-canoa. Nessa longa viagem, cada tribo ganhava seu próprio lugar e um nome específico. Daí, Manaus passa a ser a 13ª que constrói e guia o espírito, o ponto de partida da nossa Casa-Manaus, soterrada pelo silêncio e desconhecida pelos seus descendentes, os habitantes da cidade.

Revelar a cidade pelo mito dos Dessana significa buscar no passado o sentido das coisas que velam o nosso presente, ou seja, escavar esse imenso sítio arqueológico que é a própria alma humana, essa alma guardiã de tempos imemoriais. Somos, na verdade, a herança de tempos longínquos, inscritos em nossa alma, basta saber escutá-la. Assim, escutamos o nosso interior como quem escuta a palavra mítica, que vem de uma revelação e vimos que é possível pelo mito revisitar a alma ancestral desta cidade, que subjaz a todas as camadas da história contida neste espaço que hoje é Manaus. Cidade construída sobre

um cemitério indígena, nasceu a partir de um forte chamado São José do Rio Negro. Relegado ao abandono, transformou-se em ruínas, seu último vestígio, esse vasto cemitério, onde o índio chorou e enterrou seus mortos.

O historiador amazonense, Agnello Bittencourt (2), nos conta que, "quando Eduardo Ribeiro remodelou a praça D. Pedro II e mandou nivelar as ruas que o contornam, grande número de igaçabas foi encontrado, levando à conclusão que o núcleo principal do cemitério ficava sob a praça, onde hoje se acham o Palácio Rio Branco e o grande edifício ao seu lado. Centenas de urnas ali estavam, naquele miracangüera dos aborígenes".

Como vemos, urnas funerárias e artefatos aqui e ali foram e são encontrados, reforçando a idéia de que o passado, embora soterrado, é parte constitutiva e inaugural da nossa história. E mesmo que esta ancestralidade não esteja configurada na paisagem arquitetônica da cidade, ela está, sim, profundamente enraizada neste lugar e deixou marcas na população local que se formou de seu sangue e de sua cultura. Portanto, o mito pelo poder da memória nos seduziu a ver Manaus, pela luz dos olhos da Cobra Grande, acredita-se que eles iluminam a cidade. Mas, como no princípio as trevas cobriam tudo, para agradar, de dentro de uma cobra-canoa, fisgamos a primeira luz do dia. E fomos pelas águas escuras, escolhendo o nosso caminho e descobrindo a nossa Casa-Manaus

(*) Maria Bernadete Mafra de Andrade é Artista Plástica, Professora de Artes na Universidade do Amazonas e Doutoranda da Faculdade de Arquitetura pela USP.

Ilustrações: pág. 1 - desenho da autora; pág. 2 - desenho de Luís Lana

Notas:

(1) Aldísio Filgueiras, poeta e jornalista amazonense.

(2) Bittencourt, Agnello. Fundação de Manaus: pródomos e sequências // Ed. Sérgio Cardoso

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura